

VIOLÊNCIA SOCIAL E EDUCACIONAL: UMA REFLEXÃO

Fabiana Granado Garcia SAMPAIO*
Djanira Soares de Oliveira e ALMEIDA**

- RESUMO: O presente artigo faz uma abordagem de diversos teóricos que definem e caracterizam a violência, pela referência a toda a trama social, procurando materializar aspectos violentos, muitas vezes camuflados pelo aparato do sistema capitalista que vigora. O termo violência dicionarizado pode significar ato violento, ímpeto ofensivo, abuso de força e opressão, constrangimento exercido sobre uma pessoa para obrigar a fazer ou deixar de fazer um ato qualquer, ou simplesmente coação. Na esfera educacional, são apresentadas as teorias reprodutivistas, em que a escola tem o papel embutido de reproduzir a ideologia da classe dominante. Ao caracterizar a realidade dentro da escola, como estratégia de inculcação ideológica, o livro didático e as suas mais "belas mentiras", ajuda a reafirmar a hegemonia da classe dominante. Saviani aponta a solução para quebrar esta estrutura, a ser trilhada com utilização de grandes armadilhas para ferir os anseios da classe dominante, a denominada teoria pedagógica histórico-crítica, que se adequa aos interesses da classe dominada, introduzindo o saber erudito na cultura popular, a fim de se alcançar a democracia.
- PALAVRAS-CHAVE: Violência; Educação Crítico-reprodutivista; Escola Democrática.

Introdução

O presente artigo faz uma reflexão aos teóricos que objetivaram definir e caracterizar a violência na trama social e educacional fazendo uma análise de como percebem esses elementos na sociedade. O termo violência é alvo em noticiários, telejornais e na mídia em geral, apresentando elementos que transmitem pavor ao nosso ser, mas muitas vezes não percebemos que ela está tão próxima, às vezes, até presentes em nossos atos, por estarmos carregados de uma ideologia que visa à eterna ascensão da classe dominante.

Discutir as particularidades de violência, que compõe a rotina social e educacional, é sem dúvida, algo de grande

* Professora de Educação Infantil da rede SESI e da rede municipal de ensino de Franca. Mestranda em Serviço Social na UNESP, Franca, SP, Brasil.

** Professora do Departamento de Educação, Ciências Sociais e Políticas Internacionais e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UNESP, Franca, SP, Brasil. E-mail: soaresfranca@netsite.com.br.

responsabilidade, pois está presa a toda essa trama societária e para entendê-la, precisaremos afrouxar os nós permitindo uma visualização desses elementos, que se deixam camuflar na rotina diária. Não desejamos ficar presos apenas às pequenas particularidades, mas realizar algumas reflexões para gerar, se possível, mudanças em nosso olhar ao enfoque da violência.

Não temos a pretensão de esgotar o tema, mas apresentar um percurso, discutindo alguns pontos específicos nos limites de espaço do artigo: 1) teorias que mostram diferentes ângulos de compreensão da violência social; 2) materializar uma violência imperceptível social, procurando um amadurecimento reflexivo do conceito; 3) vislumbrar as teorias educacionais que mostram a violência, dentro da perspectiva do sistema vigente; 4) e por último, refletir sobre aspectos da micro-violência dentro da escola, tendo como foco, o principal material de leitura: os textos do livro didático.

Teorizando o significado de violência

Se procurarmos o que define a palavra Violência no dicionário, acharemos: "ato violento, ímpeto ofensivo, veemência, tirania, abuso de força e opressão, constrangimento exercido sobre uma pessoa para obrigar a fazer ou deixar de fazer um ato qualquer, coação". Portanto, são atitudes que atualmente se verificam com uma constância de episódios apresentados pela mídia (televisão, jornal). E quantas vezes não presenciamos atitudes violentas na rua, no trânsito, causando mortes; pessoas que, a nossos olhos, demonstram grande grau de confiabilidade como os pais, matarem filhos inocentes. Muitas vezes tendemos a encarar a violência por elementos externos pertencentes a uma macro-estrutura de nossa sociedade tendo uma propensão de isolamento a estes elementos, como se ela não fizesse parte de nosso ser. Temos uma inclinação a separá-la aliviando-a em nossa imaginação que se concretiza na demonstração de espaços e paisagens de nossa cidade: os muros altos, as cercas elétricas que protegem nossas casas, edifícios enormes de condomínios fechados com equipes que monitoram os alarmes via satélite e outros recursos que proliferam e que dá a sensação de estarmos superando a violência que vem do lado de fora.

Pode-se dizer que não é um fenômeno novo, pois a História mostra variadas situações violentas no decorrer da humanidade e

principalmente na contemporaneidade. Atualmente a Violência tem tomado o formato de uma bactéria e penetrado nos poros da sociedade, ameaçando nossa saúde e das instituições nacionais, sendo um tema de profundo debate em congressos de diversas áreas.

Tentando analisar algumas inquietações sobre o tema, temos alguns estudiosos que debruçaram no assunto na tentativa de ajudar a explicar o processo que o envolve. Refletir sobre alguns referenciais nos dá uma análise bastante interessante para entendermos um pouco da violência social, antes de direcionarmos especificamente para área da Educação, pois afinal ela está inserida neste meio. Sabemos que não basta reconstruir teorias sobre este fenômeno, mas fomentar ações para que se materializem mudanças. Vejamos algumas interpretações:

Mészáros (2002, p. 984), coloca que estamos vivenciando hoje uma crescente polarização que vem de uma crise da estrutura do sistema capitalista atual, multiplicando os riscos de explosão, devido ao mau funcionamento de uma série de válvulas de segurança que cumprem um papel vital na manutenção da sociedade de mercado. O mundo está preso a uma espiral destrutiva, a lógica do capital, que pode causar o seu desaparecimento. Destrói-se a natureza em prol da tecnologia, pensando que se está estimulando a produção de mercadorias necessárias para o bem estar humano. Ataques militares gerando grandes massacres são justificados como se fossem formas de deter a violência. Estas anormalidades não revoltam a sociedade, pois estão encobertas por uma capa escura que camuflam a sua compreensão. A alienação absolutamente dominante é o que alicerça esta lógica perversa.

Ao analisar a violência, Engels (NETTO, 1981) pressupõe uma construção histórica da sociedade tendo como base à sociedade de classes, especificamente, a sociedade capitalista. Nesta, a propriedade privada dos meios de produção é o ponto de partida para que a violência se instaure através de determinadas relações entre os homens, na medida em que um deles se submete à condição inferior por não desfrutar dos meios necessários de subsistência. Coloca a violência como forma de ruptura da estrutura capitalista, desempenhando outro papel na História, o papel revolucionário:

[...] segundo as palavras de Marx, o papel de parteira de toda velha sociedade que traz em si uma nova, para ser o instrumento de graças ao qual o movimento social triunfa e destrói as formas políticas esclerosadas e mortas. (ENGELS, 1981, p. 188)

Sorel (1993) define a violência como um mito necessário para a mudança da sociedade burguesa desigual para uma sociedade igualitária de base popular, porém não coloca definitivamente como será o período pós-revolução, cultuando assim a violência pela violência.

Segundo Hannah Arendt (1994), a violência caracteriza-se por sua instrumentalidade, distinguindo-se do poder, do vigor, da força e, mesmo, da autoridade. A política constitui-se o horizonte de interpretação da violência, que não é nem natural, pessoal ou irracional. Diferencia-se de Sorel, por acreditar no caminho que deve estar acima do culto da violência e realiza uma crítica a Marx e Engels, pela violência fazer parte do processo de Revolução. Acredita em mudanças sociais através do simples diálogo, sendo com isso bastante humanista.

As obras de Foucault (1993-1999) são de importância ímpar para refletirmos sobre Violência. O autor procura analisar os mecanismos do poder em sua incidência manifestada sobre o indivíduo. Portanto, não a partir do topo de uma cadeia de comando, mas no nível da efetividade da ação.

A disciplina hierarquizada que encontramos no capitalismo produz uma vigilância que busca o controle do indivíduo na relação de delimitação do espaço e aplicação do tempo. Tal disciplina opera dando forma aos comportamentos e produzindo verdades que dependem exclusivamente de uma rede de novos saberes que buscam o controle dos corpos através da alma dos indivíduos. Tais práticas são encontradas nas diversas instituições: fábricas, escolas, hospícios e hospitais produzindo constantemente corpos dóceis para o trabalho. Assim surgem novas ciências como a psicologia, saberes terapêuticos entre outras áreas do conhecimento que tentam explicar o sujeito. Para Foucault o poder-saber é um elemento central da produção de violência punitiva. Os intelectuais tentam falar em nome da massa, mas estão preocupados em seus interesses próprios:

Ora, o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber. Poder não se encontra somente nas instâncias superiores da censura, mas que penetra muito profundamente, muito sutilmente em toda a trama da sociedade. Os próprios intelectuais fazem parte desse sistema de poder, a idéia de que eles são agentes da 'consciência' e do discurso também faz parte desse sistema. (FOUCAULT, 1993, p. 71, destaque do autor)

Para Foucault toda forma de poder é demonstrado nos espaços institucionais, sendo a solução para o fim da violência, detectá-las nos micro poderes e extingui-las.

Sánchez Vásquez (1977) acredita na violência como elemento para a transformação, podendo construir algo novo se desconstruirmos o velho, daí provém à práxis social que quer dizer triunfo da resistência da matéria (social, humano) que se pretende transformar. A violência se instaura na práxis na medida em que se realiza uso da força, pois a ação violenta é exatamente a que tende a ganhar ou saltar um limite através da força.

É de suma importância apresentar diversas análises teóricas da violência dentro da sociedade para refletirmos diretamente sobre as diversas caras multifacetadas apresentadas pela sociedade do capital.

Materializando a violência na trama social

Não há como desconhecer aspectos da violência demonstrados nos espaços, seja na escola ou na família, em postos de decisão (gestão), como professor, ensinando ou nas diversas funções sociais. Estamos rodeados e impregnados por atos violentos que assistimos como se fosse algo alheio a nós, mas na verdade fazemos parte dessa violência.

Uma materialização da violência tradicional é a tremenda desigualdade social em que vivemos. Ela é vista como algo sem relação com a divisão de classes e com a produção, mas se refletirmos atentamente descobriremos que essas desigualdades se

dá na forma em que o indivíduo está situado economicamente em sua sociedade. Assim a predominância de uma classe sobre as demais, se funda também no quadro das práticas sociais, pois as relações sociais capitalistas alicerçam a dominação econômica, cultural, ideológica e política.

O Estado crescente de miséria, as disparidades sociais, a extrema concentração de renda, os salários baixos, o desemprego, a fome que atinge milhões de pessoas em nosso país e no mundo, a desnutrição, a mortalidade infantil, a marginalidade, são exemplos de profunda violência do grau que chegou às desigualdades sociais. Devido a estas disparidades, existe uma violência institucionalizada, onde crianças pobres sofrem suas influências, não sendo justificada como tal, mas ao contrário o efeito dessa violência é que passa a justificar a decisão institucional do ato.

Existe uma violência legalizada e um exemplo dentro da História foram as duas guerras mundiais feitas por governos legitimamente constituídos, e se davam dentro de normas de comportamento mais ou menos aceitas por todas as partes e controladas dentro do possível pela Cruz Vermelha Internacional. Isto ajudou a que não fossem utilizadas armas bacteriológicas e químicas, por exemplo, na Segunda Guerra Mundial, mas não evitou o massacre da população russa pelos alemães, o bombardeio de Dresden ou as bombas atômicas sobre o Japão. Sem falar, evidentemente, dos que caíam “fora” da proteção das convenções de guerra como os judeus, os ciganos e os militantes da resistência, que eram liquidados sem maiores cuidados. (SCHAWARTZMAN, 1980, on line)

Não precisamos ir tão longe, aqui no Brasil a greve dos professores em 1993, não houve a notificação das condições precárias com que o professorado trabalha, muito menos questionaram o corte de verbas e os baixos salários. Foi levado em conta simplesmente o movimento da categoria, como prejudicial à sociedade, pela falta de aulas, “soltando os cachorros sobre eles”. Sabemos que a estrutura policial naquele momento foi na intenção de manter a ordem, mas onde ficam os direitos do cidadão? Como se justifica o espancamento dos que estão exercendo o seu direito de defender seus interesses em movimentos tranquilos? (ITANI, 1998)

Instâncias do aparelho de Estado exercem a violência legalizada, apoiadas em leis e normas, onde pessoas simples que

desconhecem seus direitos, são colocados como culpados de ações, ou mesmo por se encontrarem em situações precárias frutos de um capitalismo selvagem. Esses marginalizados socialmente não possuem força material (capital econômico) e também força simbólica (capital cultural), a tendência da sociedade é tentar camuflá-lo ou mesmo lutar para o seu desaparecimento através da violência, foi o que aconteceu com a chacina da Candelária de julho de 1993, onde seis **menores** e dois maiores **sem-tetos** foram assassinados pela polícia. Não se levou em consideração as vidas humanas em questão, nem o processo de exclusão do qual essas pessoas foram vítimas anteriormente, sem assistência, sem escolas, sem emprego e condições de subsistência nem de defesa jurídica.

Em nosso aparato de leis, parece que para alguns grupos existe uma flexibilidade maior no seu não cumprimento, muitas vezes o desrespeito é notificado em meios de comunicação e logo é esquecido pelo tumulto do dia a dia e a diversidade de outros temas que são debatidos, tais como os relacionados ao tráfico de drogas, à compra de votos, aos atos de favorecimento, à falência de empresas, ao desvio dos recursos públicos para interesses particulares, má administração pública. E a sociedade vai se conformando com tais atitudes como se ela nada pudesse fazer para reverter estas situações de força e poder.

Caracterizando a violência na esfera educacional

O sistema educacional ainda assume um papel fundamental, na manutenção da alienação e na divisão social do trabalho na medida em que as escolas tem se configurado como um espaço estratégico de convivência social, pautada pela reprodução da dinâmica da sociedade capitalista. Em uma maneira didática, esse conjunto teórico, que define esta linha, foi subdividido em: a) teoria da violência simbólica; b) teoria dos aparelhos ideológicos do Estado; c) teoria da escola dualista.

Uma dessas teorias é apresentada por Bourdieu e Passeron (apud SAVIANI, 1999, p.29) denominada "Teoria do Sistema de Ensino enquanto Violência Simbólica". Definem a educação como axioma da violência simbólica onde tomam como ponto de partida que toda sociedade estrutura-se como um sistema de conexão de força material entre grupos ou classes. Sobre o alicerce da força material e sob sua decisão origina-se um sistema de força

simbólica cujo papel é reproduzir, por disfarce as relações de força material.

Todo poder de violência simbólica, isto é todo poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta sua própria força, isto é propriamente simbólica, a essas relações de força. (BOURDIEU; PASSERON apud SAVIANI, 1999, p. 29)

De acordo com essa teoria, os marginalizados são aqueles que foram vencidos e excluídos socialmente, por não possuem o capital e a cultural da classe dominante. Nesta perspectiva a educação não se caracteriza com um fator de superação da marginalidade, constituindo assim um elemento reforçador da mesma.

Dentro de uma linha bastante parecida, Althusser (apud SAVIANI, 1999, p. 33) apresenta uma distinção assentada no fato de que o Aparelho Repressivo de Estado funciona integralmente pela ideologia e secundariamente pela repressão. Em resumo a ideologia se materializa em estruturas: os "Aparelhos Ideológicos do Estado".

Como Aparelho Ideológico do Estado dominante, vale dizer que a Escola constitui o instrumento mais acabado de reprodução das relações de produção de tipo capitalista. Para isso ela toma a si todas as crianças de todas as classes sociais lhes inculca durante anos a fio de audiência obrigatória 'saberes práticos' envolvida na ideologia dominante. (ALTHUSSER, apud SAVIANI, 1999, p. 33-34, destaque do autor)

Althusser (apud SAVIANI, 1999, p. 35) se diferencia de Bourdieu e Passeron na medida de não negar a luta de classes. Ao contrário, chega mesmo a concluir que "[...] os Aparelhos Ideológicos do Estado podem ser não só o alvo, mas também o lugar da luta de classes e por vezes de maneiras renhidas."

O autor situa a instituição educacional como um dos principais Aparelhos Ideológicos do Estado, na função de reproduzir as relações de produção. Por meio, da aprendizagem são embutido, de forma massiva, a ideologia da classe dominante com o intuito de reproduzir as relações de exploração que

caracterizam a sociedade capitalista, porém todo esse processo é camuflado e como a escola apresentada de forma neutra, tem possibilidades de atuar ideologicamente de maneira universal, reproduzindo o sistema vigente. (DORE, 2006)

Declara que os professores não conseguem voltar contra a ideologia, pois são raros os que tem consciência dessa trama, mesmo assim continuam se dedicando no trabalho, neste sistema:

Peço desculpas aos professores que, em condições terríveis, tentam voltar contra a ideologia, contra o sistema e contra as práticas em que este se os encerra, as armas que podem encontrar na história e no saber que 'ensinam'. Em certa medida são heróis. Mas são raros, e quantos (a maioria) não têm sequer um vislumbre de dúvida quanto ao 'trabalho' que o sistema (que os ultrapassa e esmaga) os obriga a fazer, pior, dedicam-se inteiramente e em toda consciência à realização desse trabalho (os famosos métodos novos!). Têm tão poucas dúvidas, que contribuem até pelo seu devotamento a manter e a alimentar a representação ideológica da Escola que a torna hoje tão 'natural', indispensável-útil e até benfazeja aos nossos contemporâneos, quanto a igreja era 'natural', indispensável e generosa para os nossos antepassados de há séculos. (ALTHUSSER, apud SAVIANI, 1999, p. 35, destaque do autor)

Na teoria da escola dualista Baudelot e Establet (apud SAVIANI, 1999, p. 35-37), conservando as mesmas características da escola reprodutora, são dividida em duas grandes redes, os quais correspondem à separação da sociedade capitalista em duas classes fundamentais: a burguesia e o proletariado. A escola dominadora, da burguesia, é a particular, onde estão incluídas as universidades e a escola dominada, da classe operária, é intitulada simplesmente de escola pública.

Nesta teoria também é retomado o conceito de Althusser de "Aparelho Ideológico do Estado", porém estabelece o aparelho escolar como "unidade contraditória de duas redes". (BAUDELLOT e ESTABLET apud, SAVIANI, 1999, p. 37)

Enquanto aparelho ideológico, a escola cumpre duas funções básicas: contribui para a formação da força de trabalho e para a inculcação da ideologia burguesa. Cumpre assinalar, porém, que não se trata de duas funções separadas. Pelo mecanismo

das práticas escolares, a formação da força de trabalho se dá no próprio processo de inculcação ideológica. Mas de que isso: todas as práticas escolares, ainda que contenham elementos que implicam um saber objetivo (e não poderia deixar de conter, já que sem isso a escola não contribuiria para a reprodução das relações de produção), são práticas de inculcação ideológica. A escola é, pois, um aparelho ideológico, isto é, o aspecto ideológico é dominante e comanda o funcionamento do aparelho escolar em seu conjunto. Conseqüentemente, a função precípua da escola da escola é a inculcação da ideologia burguesa. Isto é feito de duas formas concomitantes: em primeiro lugar, a inculcação explícita da ideologia burguesa; em segundo lugar, o recalcamento, a sujeição e o disfarce da ideologia proletária. (SAVIANI, 1999, p. 37, destaque do autor).

Percebe-se que existe uma ideologia proletária, porém ela não está presente na escola, apenas é apresentada alguns de seus efeitos, como resistência. Portanto, dentro da "teoria da escola dualista", o papel do aparelho escolar não é basicamente reforçar e legitimar a marginalidade que é gerada socialmente, mas impedir o desenvolvimento da ideologia do proletariado e a luta revolucionária. Para isso, ela é preparada pela burguesia como um aparelho separado da produção. (SAVIANI, 1999, p. 38).

Mais uma vez está o proletariado e a burguesia em faces bem diferenciadas. Parece-nos que segredo desta dualidade é uma tendência Primária Profissionalizante (PP) e a Secundária Superior (SS). A primeira para os filhos da classe mais pobres, impedida de ter acesso às escolas superiores e a segunda é claro, para a classe burguesa, capaz de chegar aos níveis superiores e manter, assim, nas mãos de sua beneficiada classe, o poder. Este é o aparelho ideológico do Estado Capitalista, que trabalha em proveito da classe dominante e contribui para manter as relações sociais de produção capitalista. Dentro de conceitos preparados para esta escola defensora de interesses burgueses, está a qualificação do intelecto em detrimento do trabalho manual. Neste caso, a escola aparece como fator marginalizante e não como fator de emancipação como se propõe.

Afinal, existe um caminho a trilhar a fim de vencer a violência social e vislumbrar novos horizontes democráticos? Qual

é o papel da escola frente a esta violência social? Como é definida a Violência no contexto educacional em nosso sistema?

Refletindo sobre as situações de micro-violência na educação

Muito encontrado em literaturas atuais, o tema violência também não é novo no âmbito educacional, sobretudo pelo clássico papel que a escola exerce como instituição social, na formação ideológica. Recente literatura vem apresentando categorias de análise, tentando desvelar como a violência está enraizada no sistema educacional, seja no projeto de formação, seja no projeto educativo o qual age como uma violência simbólica na formação pedagógica. (ITANI, 1998).

O espaço da educação é composto por indivíduos que são seres sociais em formação, fazendo parte de uma família inserida nesta sociedade sofrendo e enfrentando um cotidiano muitas vezes não agradável de condições precárias de vida, além da transmissão ideológica capitalista que reforça esta situação.

Muitas vezes a escola desempenha esta função, o de inculcar a ideologia dominante, um exemplo de estratégia didática vinculada a esta inculcação, é o livro didático, fornecido gratuitamente na rede pública, sendo muitas vezes a única situação de leitura oferecida nas instituições escolares. Nosella (1981) elaborou uma teoria denominada "as mais belas mentiras" que retrata de maneira ímpar os livros didáticos, configurando como elemento de inculcação da ideologia dominante, e deve ser examinada:

O aparelho escolar, ao desempenhar sua função de inculcação da ideologia dominante, submete a clientela tanto da classe dominante como, também, e principalmente, da classe dominada, a uma visão de mundo em que a estruturação da sociedade em classes e a exploração de uma pela outra tornam-se naturais. (NOSELLA, 1981, p.26)

Esta ideologia dominante é proporcionada as pequenas crianças desde cedo, em textos pobres oferecidos pelos livros didáticos, muitas vezes sem análise, onde as crianças são submetidas a uma ultra inculcação desse conjunto de idéias, doutrinas e crenças da sociedade capitalista, não apenas

assimilando-as, mas tendo sua estrutura de pensamento absorvida por ela. Um detalhe ainda mais cruel, esta faixa etária não possui capacidade para diferenciar estas partículas de violência contra seu próprio ser, restando-a a própria reprodução de uma situação, em que já sofre.

Os textos sugerem uma cultura disciplinar, onde alunos devem: obedecer, estudar, aprender e não questionar, sendo apontadas pelo livro, como atitudes de boa educação, "a ideal". Portanto, a escola é uma instituição que serve para invalidar comportamentos mais originais e turbulentos dos alunos, transformando-os em pessoas passivas e uniformes, premiando alunos por seu comportamento padrão e exemplar.

Nosella aponta de maneira bastante precisa que os textos oferecidos nos livros didáticos dão a impressão de que a formação do país depende da composição dos seus indivíduos, tendo uma característica própria. Os textos têm o objetivo de transmitir aos alunos a idéia de Pátria poderosa e amada, impedindo análise críticas sobre o sistema capitalista, pelo qual somos estruturados e que conseqüentemente, resulta na perplexa desigualdade social. A Pátria é configurada como uma mãe protetora que se deve amar e respeitar, sendo as crianças responsáveis pelo seu futuro, sendo uma condicionante ideológica.

[...] o objetivo de textos sobre o heroísmo de alguns brasileiros é, ainda uma vez, o de condicionar crianças a colocarem o dever, isto é, o amor, a obediência e o respeito por todas as instituições sociais acima de si próprias e de maneira acrítica. Tais crianças estarão, quando adultas, deformadas em seus comportamentos, pois aprenderam apenas a obedecer, respeitar e amar os pais, os professores e outras autoridades, pelo simples fato de serem "autoridades." (NOSELLA, 1981, p.91, destaque do autor)

Elementos de micro violências são demonstrados também nos livros de História apresentadas de forma estanque, mostrado na maioria das vezes cenas de heroísmo, inculcando nos alunos que apenas "grandes pessoas" fazem História. Gera-se uma idéia entorpecida intelectualmente com uma conseqüência clara, das crianças admirarem a história passada, impedindo de desenvolver, uma visão crítica da história colonialista e neocolonialista de nosso

país.

É transmitido ao estudante como discurso ideológico, da arte e dos esportes que apenas alguns indivíduos isoladamente, conseguem realizar e ter destaque, baseados em seu próprio talento e mérito. A ideologia capitalista surge nestes textos com um tipo de mensagem na qual quem tem realmente um valor vence, independentemente de qualquer situação.

Sendo assim a classe dominante assegura seu *status quo*, já que são camuflados os sérios problemas sociais, políticos e econômicos pelos quais passa o povo brasileiro com o sistema capitalista vigente, de tremenda dependência política e econômica no contexto mundial.

Nos textos ignoram situações de conflitos agrários do Brasil e transmitem uma imagem de homem do campo feliz e sem problemas com financiamentos e penhora da terra por bancos. Explicitando uma das mais belas mentiras ditadas pelo poder dominante: nem todos que plantam colhem e nem todos que trabalham na colheita têm. Este é mais um embate que propicia e assegura a dominação econômica na mão de uma elite. (NOSELLA, 1981, p. 99)

Segundo os textos de leitura, o trabalho é caracterizado como uma forma de entretenimento, uma espécie de *hobby* que resulta em momentos de alegria e contentamento. (NOSELLA, 1981, p. 111) Também considerado como uma das maiores virtudes, recompensado por bons salários, o que não é uma realidade universal:

Nem todo homem, mesmo sendo inteligente, ou ativo, obterá sempre lucros através de seu trabalho. Naturalmente, as pessoas que, por não terem tido suas necessidades biopsicofisiológicas básicas satisfeitas, não puderam transformar-se em homens "inteligentes e ativos", menos ainda poderão obter lucros e abundância através do trabalho. (NOSELLA, 1981, p. 113)

A ideologia passada nos textos sobre os pobres e ricos é altamente alienante colocando que a riqueza não traz felicidade e nem resolve problemas. Estas mensagens micro-violentas pretendem embaraçar que as crianças inclusas a uma sociedade capitalista indaguem a posição sócio-econômica exclusiva de uma

minoria rica, que mediante concentração de renda, está provocando um maior aguçamento das contradições sociais, da miséria de uma classe subalterna, bastante explorada do país. (NOSELLA, 1981, p. 128)

Diante desse vasto mundo social de violências, muitas vezes imperceptíveis, transmitidas pelo sistema capitalista e aprisionadas dentro do aparelho escolar, surgem algumas inquietações: será possível encarar a escola como uma realidade histórica possível de ser transformada?

De acordo com Saviani (1999, p. 41-42) existe uma possibilidade, uma teoria que impõe a tarefa de superar a impotência decorrente das teorias crítico-reprodutivistas (ALTHUSSER; BAUDELLOT; ESTABLET), colocando na mão dos educadores uma arma de luta capaz de permiti-lhes o exercício de um poder real, ainda que restrito.

O caminho é árduo, repleto de armadilhas, pois às vezes, os anseios da classe dominada podem ser confundidos com os interesses dominantes. Para evitar esse risco é indispensável avançar no sentido de absorver a natureza específica da educação, o que nos levará a compreensão das complexas mediações pelas quais se dá sua inclusão contraditória na sociedade capitalista. (SAVIANI, 1999, p. 42)

A teoria apontada por Saviani, para quebrar a estrutura vigente é denominada teoria pedagógica histórico-crítica, que adequa aos interesses da classe dominada, introduzindo o saber erudito na cultura popular a fim de alcançar a democracia. Ela parte do pressuposto de que é possível, mesmo numa sociedade capitalista, uma educação que não seja, indispensavelmente, reprodutora da situação vigente, e sim adequada aos interesses da maioria, aos interesses daquele grande contingente da sociedade brasileira, explorado pela classe dominante. (SAVIANI, 1995, p. 94)

[...] isto aponta na direção da superação dessa dicotomia, porque se o povo tem acesso ao saber erudito, o saber erudito não é mais sinal distintivo de elites, quer dizer, ele se torna popular. A cultura popular, entendida como aquela cultura que o povo domina, pode ser a cultura erudita, que passou a ser dominada pela população. (SAVIANI, 1995, p. 94)

A classe dominada precisa de uma escola que de oportunidade ao saber erudito, ao saber sistematizado e, tendo como resultado a expressão elaborada dos conteúdos da cultura popular que correspondem aos seus interesses. Saviani assegura que o saber, é um dos meios de produção, onde as classes populares vão adquirir o seu controle, apropriando do saber, que só tem sido apropriada pelas classes dominantes.

O educador precisa apropriar de um saber crítico para uma análise da prática desenvolvida, tendo a intenção da superação dos problemas da divisão do saber. Quanto mais o professor for capaz de compreender os vínculos da sua prática com a prática social, mais rápida será a transformação. A solução do problema pedagógico não está em transmitir o saber sistematizado, que é uma atividade voltada para o passado, mas em preparar os jovens de hoje para um futuro aberto, livrando-se das amarras das ideologias violentas, interpretando os fenômenos do mundo para sua compreensão e transformação.

SAMPAIO, F. G. G.; ALMEIDA, D. S. O. Social and Educational Violence: a Reflection. *Serviço Social & Realidade*, Franca, v. 17, n. 1, p. 377-394, 2008.

- *ABSTRACT: The present article makes an approach of several theoretical that define and characterize the violence, for the reference to the whole social plot, trying to materialize violent aspects, many times camouflaged by the apparatus of the current capitalist system. The term violence in dictionaries can mean violent action, offensive impulse, abuse of force and oppression, embarrassment exercised on a person to force to do or to leave of doing any action, or simply coercion. In the education sphere, the reproductivist theories are presented, in that the school has the built-in hole of reproducing the ideology of the dominant class. When characterizing the reality inside the school, as a strategy of ideological inspiration, the text book and its most "beautiful lies", it helps to reaffirm the hegemony of the dominant class. Saviani points the solution to break this structure, to be trodden with the use of great traps to hurt the longings of the dominant class, the denominated historical-critic pedagogic theory that is adapted to the interests of the dominated class, introducing the erudite knowledge in the popular culture, in order to be reached the democracy.*
- *KEYWORDS: Violence; Critical-reproductivist Education; Democratic school.*

Referências

- ARENDDT, A. Da violência. Brasília/DF: UnB, 1994. (Pensamento político, n. 65).
- DORE, R. Gramsci e o debate sobre a escola pública no Brasil. *Cadernos Cedes*, Campinas/SP. v. 26, n. 70, set./dez.2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622006000300004&tIng=en&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 jul. 2008.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 11. ed. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- _____. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 11. ed. Tradução R. Ramalhte. Petrópolis: Vozes, 1994.
- ITANI, A. A violência no imaginário dos agentes educativos. *Cadernos CEDES*, Campinas, SP. v. 19, n.47. dez. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32621998000400004&script=sci_arttext&tIng=in>. Acesso em: 10 jul. 2008.
- MÉSZÁROS. I. *Para além do capital: rumo a uma teoria de transição*. Tradução Paulo César Castanheira; Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2002.
- MICHAUD, Y. *A violência*. Tradução L. Garcia. São Paulo: Ática, 2001.
- NOSELLA, M. L. C. D. *As belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos*. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1981.
- PAULO, F. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 48. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- NETTO, J. P. (Org.). *Friedrich Engels: política*. São Paulo: Ática, 1981. (Grandes cientistas sociais, v. 17).
- PEREIRA, E. T.; POLII, J. R.; VARES, S. F. *Educação: reprodução ou transformação?* Disponível em: <<http://www.anchieta.br/unianchieta/revistas/analise/pdf/analise12.pdf#page=89>>. Acesso em: 25 jul. 2008.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, A. *Práxis e violência*. Filosofia da Práxis. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

SAVIANI, D. *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara*. Onze teses sobre educação e política. 32. ed. Campinas/SP: Autores Associados, 1999.

_____. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 5. ed. Campinas/SP: Autores Associados, 1995.

SCHWARTZMAN, S. Da violência de nossos dias. *Revista de Ciências Sociais*, v. 23, 1980, p. 365-369. Disponível em: <<http://www.schwartzman.org.br/simon/violencia.htm>>. Acesso em: 3 jul. 2008.

SOREL, G. *Reflexões sobre a violência*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Artigo recebido em 08/2008. Aprovado em 09/2008.